

VIDEOBRASIL TERMINA HOJE COM PERFORMANCE DE ÉDER SANTOS, QUE EDITA IMAGENS CAPTADAS AO VIVO ENQUANTO OS MÚSICOS E BAILARINOS DESENVOLVEM A TRILHA

RITUAL PARA UM SACRIFÍCIO

GRACIE SANTOS

De São Paulo

Vai ser mineiro também o encerramento do festival Videobrasil, em São Paulo. A performance *Concerto para Pirâmide, Orquestra e Sacrifício*, de Éder Santos, fecha o Videobrasil, hoje, às 23h. O trabalho foi realizado a partir de uma lenda da qual o artista tomou conhecimento no México, de que as civilizações astecas sacrificavam suas virgens, no topo das pirâmides, como oferenda aos deuses. Numa viagem a Itabira, de helicóptero, Éder Santos depa-rou-se com a destruição de montanhas, recortadas pelo homem em busca de minério. "É o sacrifício das montanhas", afirma.

O sacrifício feminino, que se arrasta pelos tempos, e a destruição das montanhas são o tema central da performance que traz a São Paulo três bailarinos do Grupo Corpo (Ive, Paula e

Peter). No palco, com três telões e estrutura metálica, os músicos Paulo Santos, Paulo Carvalho, Josefina Cerqueira, Décio Ramos e Cláudia Cimbleis fazem o show enquanto Éder Santos edita cenas ao vivo (captadas pelas câmeras dos irmãos Pedro e Paulo Vilela) e são mostradas imagens pré-gravadas. A técnica fica por Conta de Sennen (da Tecfix).

Pela primeira vez, todas as imagens pré-gravadas utilizadas na performance são unicamente digitais. Pedro Vilela explica que a tecnologia utilizada foi cedida especialmente à Emvideo pelo Steim, instituto holandês para desenvolvimento de tecnologia para arte eletrônica. A câmera capta o movimento dos bailarinos e manda ao programa Big Eye, que faz sua própria interpretação da imagem e a envia a outro computador, que lê a imagem e, através do programa Image/Ine, a distorce. O resultado

são imagens de movimento e texturas especiais, que ganham complemento das outras linguagens no palco.

O QUE FEZ FALTA

As reclamações por todos os cantos do Sesc Pompéia, a maioria por parte dos próprios artistas-realizadores, é a da ausência de grandes instalações nesta edição do evento. As únicas presentes são do norte-americano Gary Hill, que acabou não chegando a São Paulo por causa dos problemas em seu país decorrentes do ataque terrorista sofrido por Nova York e Washington.

A mais interessante delas, a mesma que está na Bienal de Veneza, é *Wall Piece*. Numa sala com tela de projeção imensa, o próprio Hill se joga contra uma parede enquanto emite sons transformados pelo impacto do seu corpo com a pancada. O que se sente – de ruim – é o embate com o intransponível,

a dificuldade de ultrapassar a fronteira, e as conseqüências das tentativas infrutíferas de superação das barreiras. O sentimento bom brota da insistência de Hill (pela vida?), que não se abala pelo impacto e encontra forças para ir "adiante" (ainda que sem sair do lugar). Uma luz estroboscópica direcionada à projeção interfere nos movimentos.

Enquanto isso, na sala ao lado, uma mulher emite sons altíssimos em falsete, que soam primitivos, em *Remembering Paralinguay*. A sueca Paulina Wallenberg -Olsson é, até agora, quem causa mais incômodo no Videobrasil, a sensação de angústia transborda pelas paredes da sala onde se encontra a instalação e a sua voz parece não deixar mais os ouvidos de quem a viu um dia.

Anotações sobre as cores, tida como a menos interessante das instalações traz uma garotinha gravada em tempo real



JAIR AMARAL

SONS E IMAGENS

Em clima de "mais digital, impossível", Éder Santos apresenta a performance "Concerto para Pirâmide, Orquestra e Sacrifício"

lendo anotações sobre a natureza da cor. O cenário, a roupa e o cabelo da criança, e o próprio livro tornam-se referências visuais do trabalho. A leitura é

precária, tendo em vista a dificuldade das palavras em que a menina esbarra, o que torna impossível a compreensão do texto.